

**Exclusivo**

CORONAVÍRUS

# “Sentimo-nos muito mais seguros aqui.” Os turistas do confinamento que estão há meses em Portugal a viver em hotéis



O casal norte-americano Patrick Dunn e Ann Juliano no hotel Les Suites at The Cliff Bay. Estão desde outubro na Madeira. “Estar aqui é uma experiência incrível, só voltamos quando a situação estiver melhor” Duarte Sá

Estrangeiros de vários pontos do mundo estão no país por tempo prolongado a passar a fase crítica da pandemia, ainda sem perspectivas de poder voltar - e de momento são praticamente os únicos clientes dos hotéis. Estes são relatos de turistas que se sentem seguros e “sortudos” por viver o confinamento num país onde a população “é muito simpática e acolhedora”, bem como cumpridora das regras sanitárias - apesar do grande número de casos das últimas semanas. Há quem esteja a gostar tanto de Portugal que acabou por comprar casa - e os hotéis respondem criando pacotes à medida para esta nova clientela



**Conceição Antunes**  
Jornalista

Vêm de países europeus como Inglaterra, França ou Suécia, ou de sítios mais distantes como o Irão. Muitos foram apanhados com o agravar do surto de covid-19 e as restrições nas viagens, outros assumiram a opção – e tiveram possibilidades financeiras para tal – de ficar em Portugal o tempo que for preciso até a pandemia estar controlada. São **turistas do confinamento, que dizem sentir-se sentir "seguros"** e até agradados com a experiência, que os levou a tomar a opção de não regressar aos países de origem.

O casal norte-americano Ann Juliano e Patrick Dunn vive em Londres e chegou à Madeira a 26 de outubro do ano passado, no objetivo inicial de passar cinco dias no hotel Les Suites at The Cliff Bay com o filho de três anos. Mas permanecem há já

três meses na ilha portuguesa, onde preveem agora ficar por tempo indeterminado.

"Escolhemos na altura **vir para a Madeira, porque estava na lista dos corredores aéreos com o Reino Unido**", refere Ann Juliano. "Isto não é o que planeávamos, originalmente até pensávamos em ir para o Algarve, porque adoramos essa região".

Mas o surto de covid-19 entretanto agravou-se. "O que aconteceu foi que **os números começaram a subir de tal forma no Reino Unido que fomos ficando por mais tempo e isto deixou de ser um 'short break'**", frisa o casal, que há alguns dias saiu do hotel onde estava alojado para arrendar uma casa no Funchal, na perspetiva de ficar por mais uns meses. "O plano agora é voltar só quando a situação no Reino Unido estiver mais segura, agora ainda está longe disso", adiantam.

***"O plano agora é voltar só quando a situação no Reino Unido estiver melhor. Na Madeira faz sol, podemos estar ao ar livre e toda a gente respeita as regras, estamos muito mais seguros. A alternativa era estar em Londres com o tempo frio, escuro, e sem poder ir à rua", frisa Ann Juliano***

Portugal também passou a estar sob pressão, mas ficar em confinamento na Madeira não gera qualquer tipo de receio aos norte-americanos, que não se sentem fechados nem condicionados no seu dia a dia.

"Sentimo-nos muito mais seguros aqui. Toda a gente respeita as regras, o tempo é muito bom e permite-nos estar **mais tempo ao ar livre e ao sol, sem ser em espaços fechados**. E as pessoas são muito calorosas e simpáticas. A Madeira nem estava na nossa lista de sítios para onde ir, mas está a ser uma experiência incrível, toda a gente nos trata de forma amigável. Temos muita sorte em ter vindo parar aqui", considera Ann Juliano.

**"Estamos sempre a acompanhar a situação da pandemia e a desejar que os números baixem"**, frisa Ann. "Se fosse a comparar, a alternativa era estar em Londres com o tempo frio, escuro, e sem poder ir à rua. Aqui não nos sentimos restringidos, ao fim de semana tentamos levantar-nos cedo para aproveitar ao máximo o tempo bom lá fora, andar a pé ou de bicicleta, há muita coisa que se pode fazer".

Ann e Patrick têm estado ao longo deste tempo no Funchal **a funcionar em teletrabalho, para empresas de 'fintech' e da área financeira, e o seu filho tem tido aulas numa escola local**. "Foi o hotel que tratou disso e faz uma grande diferença. No Reino Unido as escolas estão fechadas, e é duro ter de o pôr o dia todo à frente da TV a assistir às aulas. Ele aqui vai à escola, tem uma boa interação com as outras crianças, está a aprender português, isto está a ser uma grande experiência para ele", frisa Ann Juliano.

Entretanto, ocorreram as mediáticas eleições nos Estados Unidos e o casal originário do estado da Florida não conseguiu organizar-se nestas circunstâncias de forma a poder votar a partir da Madeira, mas acompanhou tudo à distância. "Estivemos sempre agarrados à TV, como estaríamos no Reino Unido", fazem notar. Assistiram também, emocionados, aos incidentes no Capitólio. "Tenho

muitos amigos em Washington D.C., estive sempre em contacto com eles e preocupada com o que estava a acontecer, foi terrível", conta Ann.

**À espera que o surto melhore para poderem regressar**, Ann Juliano e Patrick Dunn vão vivendo no Funchal um dia de cada vez e desfrutando do novo normal. "É a primeira vez que estamos na Madeira em família, para nós está a ser fantástico. A ilha é pequena, mas tem tanto por descobrir... Estamos muito melhor aqui do que no Reino Unido", garantem.

### **A BRITÂNICA QUE FICOU LONGE DO MARIDO POR OS VOOS TEREM SIDO CANCELADOS**

A britânica **Pam Burton, de 78 anos, está desde o início de agosto no hotel Porto Mare no Funchal.** Veio acompanhada do marido, que entretanto teve de voltar ao País de Gales por ter tratamentos médicos marcados, e já não conseguiu voo de regresso à Madeira.

"O meu marido está desesperado por voltar, mas não há voos. Se pudesse ia eu ter com ele, tinha um voo marcado a 1 de fevereiro mas foi cancelado. **Não há outra opção além de ficar.** E ele só quer que eu esteja segura", faz notar.



A britânica Pam Bartom está há cinco meses na Madeira, mas longe do marido que teve o voo cancelado do País de Gales. "Estar aqui é uma benção, sinto-me agradecida a cada dia"

Mesmo nestas circunstâncias, ficar retida na Madeira está longe de ser um peso para Pam. "Isto é passar a covid no paraíso. É uma benção a cada dia. Toda a gente aqui no hotel tenta fazer tudo para eu estar feliz, nunca me aborreci nem por um segundo, aqui somos como uma grande família, é uma casa longe da casa", assegura a britânica, que gosta de passar tempo nos jardins e a usufruir do sol. "Não posso sentir-me culpada por estar tão bem, até porque isso não ajuda ninguém. Sinto-me é agradecida a cada momento".

Do Reino Unido, vão-lhe chegando relatos pouco animadores. "Preocupo-me com a pandemia, e tenho muitos amigos a escreverem-me e a contarem o que se está lá a passar, que é terrível, é horrendo", enfatiza. **"Quando tivemos o primeiro confinamento, pensámos que isto podia acabar se fossemos sensatos. Mas não há fim à vista.** Tenho vizinhos no País de Gales que estão em confinamento

desde março, é uma vida de isolamento".

À distância, Pam Barton vai também dando todo o apoio que pode ao marido de 80 anos, que ficou sem poder voltar do País de Gales. "Encomendo-lhe as refeições que ele gosta na Marks & Spencer, para ter a certeza que tem a sua comida", refere. **"Ele quer voltar logo que possa e haja voos, só podemos pensar nisso lá no final de março**, e em abril serão as nossas bodas de ouro. Mas temos de ser positivos".

Na Madeira, não sente a pressão do surto. "Sinto-me totalmente segura. No supermercado são muito cuidadosos a medir a temperatura e a fazer distanciamento, é tudo feito com muita calma, porque é a forma como as pessoas são aqui, não transmitem medo, mesmo que tenham outros problemas. E o **hotel pagou a todo o seu staff para terem o teste feito**, todos aceitam que têm de fazer a sua parte, e nunca se queixam", exemplifica.

Pam Burton também é sensível ao efeito económico que a pandemia está a gerar na vida dos madeirenses. "O hotel tem algumas lojas e todas estão a fechar. **É tão triste ver que há negócios que não vão sobreviver**". Dá o exemplo, perto de si, da situação difícil da cabeleireira - "e ela é tão boa" - ou do "pequeno café no fim da rua, em que os proprietários dependem do negócio para alimentar a família, e apesar de tudo continuam tão positivos".

***"Isto é passar a covid no paraíso. É uma casa longe da casa. Sinto-me totalmente segura, e toda a gente no hotel tenta fazer tudo para eu estar feliz, somos como uma grande família", garante a britânica Pam Barton***

A britânica vê com pesar, a situação crítica atingida nos hospitais no país de que tanto gosta. "**Os portugueses são pessoas de grande integridade, e estão a fazer tudo ao seu alcance para lidar com a situação difícil de momento**", considera Pam Barton. "E independentemente do que acontece nas suas vidas, as pessoas aqui na Madeira respeitam sempre os turistas e mantêm um sorriso no rosto, é realmente extraordinário".

O casal Barton tornou-se há 15 anos proprietário em *time-share* de uma residência no hotel Porto Mare e, desde então, vai assiduamente à Madeira. "Foi o começo de uma vida maravilhosa, para mim foi um milagre tornar-me residente neste hotel tão lindo onde temos amigos excepcionais", salienta Pam, que com a pandemia dá ainda mais valor à sua residência no Funchal.

No final do ano, foi formalizado o Brexit, mas a britânica não dispensou muita atenção ao assunto. "Tinha coisas mais importantes a tratar, estou mais preocupada com o meu marido, **o Brexit é um tema irrelevante no momento**", sustenta Pam Barton. "Viajei muito na vida, mas aos 78 anos não planeio fazer mais viagens. Tudo o que eu quero é poder vir à Madeira, que é a minha segunda casa".

### **FAMÍLIA DO IRÃO PRONTA A PASSAR MESES EM CASCAIS ATÉ O SURTO ACALMAR. "É COMO SE FOSSE A NOSSA CASA"**

Ao Sheraton Cascais, chegou a 7 de dezembro uma família iraniana preparada para ficar o tempo suficiente até o surto sanitário ser considerado controlado.

"Vim com a família por causa da pandemia, **queria vir para aqui desde o início, mas não era fácil por causa dos voos**", refere Mohsen Haydari, que veio de Teerão com a mulher



Hora, a filha Hosna, de 15 anos, e o filho Ehsan, de 10 anos, e juntando-se ao filho mais velho, Hasan, de 21 anos, que já vivia em Portugal como estudante de Economia na Universidade Nova de Lisboa, curso que funciona em Carcavelos.



Mohsen Haydari com a mulher Hora e os filhos Ehsan, Hosna e Hasan no Sheraton Cascais na Quinta da Marinha

Empresário da indústria de mármore em Teerão, Mohsen Haydari adianta que veio para o hotel em Cascais com a família assim que conseguiu organizar o seu negócio "para o controlar" à distância.

Os filhos mais novos estão **a seguir, pela internet, as aulas das escolas no Irão**, e o mais velho também está com os pais, por a residência da universidade estar de momento suspensa. "Vejo-me a mim e à minha família em segurança. **Decidimos ficar aqui o tempo que for necessário, e pode ser por vários meses**, esta é como se fosse a nossa casa".

"Estamos a rezar para que isto acabe o mais cedo possível. A melhor coisa a fazer agora é levar a família para um sítio seguro, ter cuidado, e esperar até a pandemia melhorar, e foi esta a nossa opção", frisa Mohsen Haydari, garantindo que o hotel onde se encontra **"é um sítio calmo, sem muita gente, com áreas verdes, e quando se respira sente-se a diferença"**.

Desde que chegaram a Cascais têm-se mantido o mais possível isolados. "Não vamos à cidade, nem aos shoppings, só quando temos necessidade de comprar algo", refere Mohsen Haydari. Mas procuram tirar o maior partido possível do vasto espaço no hotel da Quinta da Marinha, que conta ainda com campos de ténis e futebol ou equitação.

***"Estamos a rezar para que isto acabe o mais cedo possível. O melhor a fazer agora é levar a família para um local seguro e esperar até a pandemia se controlar. Foi a nossa opção e estamos muito felizes aqui", diz Mohsen Haydari, empresário de Teerão***

Sentem-se muito confinados? "Para ser honesto, não. Temos dez quilómetros para andar neste resort, que está junto ao oceano e tem muitos espaços verdes à volta", salienta Mohsen Haydari. **"Estou com os meus filhos, vejo filmes com eles, e como estamos todos seguros não se pode pedir mais.** Estamos muito felizes aqui". Refere que no Irão o surto "está sob controle, mas estar em Teerão é mais arriscado, há muita gente, e tem de se ficar fechado em casa mais tempo".

"A primeira vez que vim a Cascais com a família foi há cinco anos prevíamos ficar uma semana e ficámos um mês, foi

maravilhoso. Os empregados do hotel fazem-nos sentir como se estivéssemos em casa", recorda o iraniano, que acabou por comprar há dois anos uma residência no Sheraton Cascais, onde vem regularmente. Devido à sua atividade nos mármore, o empresário de Teerão conhece Portugal há mais de uma década, e o seu filho que está a estudar no país já está a criar raízes e fala fluentemente português.

"Adoro o país e as suas pessoas, tenho muitos amigos portugueses, e é um prazer estar aqui", considera Haydari.

**"Como povo antigo, nós sabemos reconhecer outros povos que fazem as pessoas sentirem-se bem-vindas,** e nisto os portugueses são diferentes de todos os outros".

#### **A FRANCESA QUE CHEGOU AO ALGARVE NO ÚLTIMO VOO ANTES DE SER CANCELADO: "ESTOU TÃO FELIZ POR O TER FEITO"**

Foi por um triz que a francesa Anne Lemonnier, residente em Londres, conseguiu chegar ao Algarve a 20 de dezembro, onde permanece desde então no *resort* Pine Cliffs.

**"Era o último voo de Londres para Faro, antes das fronteiras fecharem.** Estou tão feliz por o ter feito", confessa Anne Lemonnier, que planeava regressar a 5 de janeiro, mas está impedida de o fazer porque "cancelaram todos os voos".



Anne Lemonnier está há mais de um mês no resort Pine Cliffs, onde tenciona ficar por tempo indeterminado. "Comecei como cliente do hotel e acabei por comprar uma casa"

"Não sei quando vou voltar, ou como vou voltar. Quanto mais o tempo passa, pior fica em restrições. Não faço mais planos, estou farta disso. Há um ano estaria em pânico, agora já não me preocupo", declara Anne, que é consultora *freelance*.

**"Posso fazer o meu trabalho de qualquer lado desde que tenha wifi, não tenho de estar em Londres"**.

"O que é importante é ficarmos livres deste vírus, e nesta fase cada um deve fazer o que é melhor", sustenta. O melhor, no seu caso, encontrou-o no resort do Algarve, onde há duas semanas comprou uma casa. "Comecei como uma cliente do hotel, ia muito à piscina e ao *spa* relaxar, o que de momento não é possível. Descobri que havia imobiliário para vender e **acabei por comprar uma casa** que vi e adorei".

No Algarve, o confinamento passou a ser visto com outros olhos. "Adoro ver o mar, sentir os cheiros das árvores do

resort, é um sentimento mágico. Cada dia é um novo dia, à noite durmo como um bebé e penso: estou aqui, nada de mau me vai acontecer", conta Anne. **"É como um lugar do céu, protegido da multidão. Sinto-me aqui 100% segura,** são todos cuidadosos com a proteção sanitária, não podia ser melhor".

"Conheço muitos sítios na Europa, mas no Algarve encontrei algo de autêntico. Todos são muito acolhedores e gostam naturalmente de receber bem os outros. Os portugueses em geral são pessoas de bem com a vida, nada agressivas ou hostis, o que é muito bom", constata.

À margem da situação da pandemia, **estar no Algarve também está a ser uma experiência transformadora para Anne Lemonnier**, que recentemente enfrentou uma doença imprevista. "Estive a fazer quimioterapia em Londres quando a covid começou, vi como as pessoas do hospital são dedicadas ao seu trabalho e já estavam sob pressão. Quando os vejo falar na televisão compreendo-os totalmente, e **isto é realmente algo que tem de acabar**", frisa.

***"Não sei quando vou voltar. Quanto mais o tempo passa, pior fica em restrições. Já não faço mais planos, estou farta disso. À noite durmo como um bebé e penso: estou aqui, nada de mau me vai acontecer", salienta Anne Lemonnier***

"Sempre fui muito saudável, e a minha vida mudou, tive de repensar tudo. Estou a tentar disfrutar das pequenas coisas da vida e a perceber o que realmente importa", adianta Ann, que encara com tranquilidade ter os voos suspensos e ter de ficar 'retida' no Algarve. "Para mim, acaba por ser perfeito.

Precisava deste tempo para mereconstruir".

Para trás fica a vida agitada que já teve na área financeira.

"Em Londres, a vida é muito diferente - e de momento não é agradável, não se pode fazer nada. Aqui eu consigo estar bem todos os dias, é um processo simples e fácil. Se eu estivesse em Londres estaria zangada e mal disposta", salienta Anne Lemonnier, para quem **a casa que comprou no Algarve veio abrir novos horizontes**. "Passar muito tempo aqui é o plano", conclui.

### **HOTÉIS A CRIAR PACOTES ESPECIAIS DE CONFINAMENTO**

Os turistas que não puderam regressar, ou que optaram por ficar em Portugal na fase mais aguda do surto covid-19, **são de momento praticamente os únicos clientes dos hotéis que se mantêm abertos** - que se apressaram a criar programas que não existiam, com preçário e propostas à medida de quem quer fazer estadas longas ou ter um espaço para teletrabalho.

O **hotel Marriott de Lisboa acabou de lançar um 'pacote especial de confinamento'** designado de *Getaway*, virado para quem procura alojar-se por tempo prolongado, e neste caso o foco são os portugueses. O pacote permite ficar por metade do preço nos quartos que foram renovados, e tem opções disponíveis desde 60 euros. O hotel, que foi pioneiro **a transformar quartos em escritórios e a lançar pacotes para teletrabalho**, frisa que "são criteriosamente cumpridas todas as medidas de segurança exigidas para a prevenção da covid-19 exigidas pela DGS e a Marriott International".

O **grupo Pestana tem uma série de turistas em estadas longas, em hotéis que mantêm abertos no Algarve e na Madeira**, adiantando que em muitos casos as pessoas "não

conseguem voltar aos países de origem". Mas unidades do grupo com capacidade para 200 quartos, têm de momento 20 ou 30 ocupados com este fim. Segundo a associação hoteleira do Algarve, a **AHETA, vários aldeamentos turísticos da região estão com estrangeiros alojados por tempo prolongado**, e daí ter-se batido para que os hotéis não fossem fechados por decreto no atual confinamento, "para não terem de pôr os turistas na rua, colocando-os numa situação de sem abrigo" - o que não aconteceu.

O **Pine Cliffs resort, no concelho de Albufeira, já teve cerca de 100 reservas de turistas que ficam três ou mais semanas, desde o início da pandemia**, principalmente de pessoas originárias do Reino Unido, mas também destacando-se as da Alemanha ou Canadá. O **Sheraton Cascais** dá conta que tem tido "muita gente de fora em estadas longas", de quatro ou cinco meses, que vêm "sobretudo de **países onde nesta altura faz mais frio, como Rússia, Suécia ou Dinamarca**", segundo fonte oficial do grupo proprietário, a United Investments Portugal (UIP).

Do lado dos turistas que estão confinados, o que ressalta é a satisfação por os hotéis nacionais se terem prontificado em criar condições especiais, o pessoal estar sempre disponível para ajudar e as boas condições para o teletrabalho, como boas redes de wifi.

"**Uma coisa que me impressionou muito foi a forma como o hotel criou um pacote que não existia** para que pudéssemos ficar por um período mais longo, e se prontificou a dar todas as condições para podermos trabalhar e ter aqui um espaço de escritório, com internet rápida e outros serviços, como lavandaria", salienta a norte-americana Ann Juliano, que ficou vários meses no Les Suites at The Cliff Bay,

no Funchal. "**Os hotéis não costumam ser tão flexíveis** e achei isto muito bem feito. Realmente, os portugueses são pessoas incríveis, prontas a ajudar e a fazer o tudo que é preciso, e isso vê-se na forma como lidam nestes tempos diferentes que estamos a viver".